

## PIONEIROS



Teresa Rollemberg

# Lembranças dos bons tempos vividos na capital

Arquivo pessoal



TERESA COM OS FILHOS NO IATE CLUBE, EM 1961

BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

Teresa Rollemberg, 73 anos, lembra, na sala de seu apartamento da 206 Sul, o dia em que recebeu, no Rio de Janeiro, a planta de Brasília com os apartamentos que já estavam construídos para que a família escolhesse onde moraria na nova capital. “Nos debruçamos todos sobre o desenho para olhá-lo com cuidado”, conta. Na época, final do ano de 1959, a família era composta por Teresa, o marido, Armando Rollemberg, e oito filhos, com idades entre 10 meses e 9 anos de idade.

A família Rollemberg tinha o privilégio de escolher onde morar no novo Distrito Federal porque Armando exercia, na oportunidade, o segundo mandato como deputado federal. A preferência, entre os parlamentares, era dada às maiores famílias. Mais um ponto para os Rollemberg, que ansiavam pelo dia da mudança. “Embora muitos criticassem a mudança da capital, Armando e eu sempre acreditamos no projeto de Juscelino Kubitschek”, conta Teresa. “Armando dizia que a inauguração da cidade mudaria o país”, completa.

O apartamento da 206 Sul foi escolhido em conformidade com o número de filhos do casal e alguns outros critérios. O andar tinha que ser baixo para não inco-

modar os vizinhos com os barulhos da criançada, não precisar usar o elevador e não correr risco com as janelas. A posição deveria ser nascente porque o pediatra da família dizia ser mais saudável. Quanto à escola para as crianças, não era preciso se preocupar porque havia uma logo atrás do bloco, dentro da quadra.

Os apartamentos em Brasília não eram doados, eram vendidos por meio de um financiamento da Caixa Econômica Federal. Após alguns anos, entre-

tanto, o valor das parcelas mensais tornou-se tão irrisório que a Caixa antecipou a entrega das escrituras.

## Deslumbramento

Escolhido o apartamento, Teresa e Armando vieram à nova capital conhecer a cidade e ver se realmente seria possível viver com uma família tão numerosa aqui. “Fiquei radiante com a viagem porque há muito tempo não tirava férias da vida doméstica”, conta Teresa.

Do avião, as poucas luzes acesas no meio do cerrado fechado atiçavam a curiosidade da sergipana. O silêncio da primeira noite dormida no Brasília Palace Hotel foi aproveitado ao máximo. “Há muito tempo não descansava daquela forma”, recorda Teresa. De manhã, o deslumbramento com a vista da janela do quarto do casal ficou marcado em sua memória. “O lago estava lindo e brilhante, o céu não tinha uma nuvem, e o Palácio da Alvorada parecia algo de outro mundo

construído ali, no meio de toda aquela beleza agreste”, descreve. “Não agüentei e chamei Armando para olhar”, completa.

Desde 1955 vivendo no Rio de Janeiro, Brasília significava para Teresa ter de volta sua liberdade. Na capital carioca, os filhos não podiam descer desacompanhados. Na Rua Toneleros, onde moravam, em Copacabana, havia acontecido o primeiro grande seqüestro noticiado no país. Não havia mais o que pensar, Brasília seria perfeita para o recomeço.

O casal retornou então à capital, já para o apartamento da 206 Sul, nas vésperas da inauguração, em abril de 1960. Junto com alguns amigos e parentes, ficaram acampados no imóvel, que só contava com algumas camas, providenciadas pelo Grupo de Trabalho de Brasília (GTB).

Mais tarde, o apartamento recebeu o restante da mobília: duas mesas de refeições, dois sofás, uma escrivaninha e algumas cadeiras avulsas. “Os móveis eram simples, e os parlamentares que tinham mais dinheiro terminaram substituindo-os”, diz. “Nós não tínhamos muitos recursos e o salário de deputado, na época, dava a conta certa para manter a família com o básico, por isso, ficamos muitos anos com os móveis do GTB”, conclui.

A mudança completa da família aconteceu em maio de 1960. No prédio da 206 Sul havia



## PIONEIROS

Com oito filhos já nascidos, Teresa chegou a Brasília acompanhando o marido, Armando, que era deputado federal. Aqui, ampliou a família e fez da cidade seu lar

Arquivo pessoal



DA FAMÍLIA VEM GRANDE PARTE DA REALIZAÇÃO DE TERESA

### Raio X

**Nome:** Teresa Sobral Rollemberg  
**Idade:** 73 anos  
**Profissão:** Dona-de-casa  
**Origem:** Aracaju, Sergipe  
**Marido:** Armando Rollemberg (falecido)  
**Filhos:** Maria de Lourdes, Armando, Maria Edith, Carmem Tereza, José Eduardo, Ricardo, Rosa Clara, Rodrigo, Tereza Cristina, Isabela, André, Carlos Augusto, Antônio Carlos e Marisa  
**Netos:** Pedro, Bruna, Marcos, Adriana, Áli, Marília, Mariana, João, Ana Beatriz, Léo, Manuela, Rafaela, Carolina, Renata, Luciana, Bruno, Patrícia, Armando Neto, Eduarda, Fernanda, Augusto, Paulo Henrique, Tiago, Maíra, Mateus, Lucas, Gabriela, Ícaro, Pedro Ivo, Liana, Clarissa, Janaína, Gabriel, Carlos Henrique, Rui, João Lucas, Marcela e Raiana.  
**Bisnetos:** Caetano e Lua

poucos apartamentos ocupados, seis contando com o de Teresa. A chegada dela com as crianças aconteceu à noite. Sem iluminação na quadra, o motorista que os levara até lá providenciou uma vela. De manhã, todos acordaram cedo para ver a cidade. "As crianças adoraram a liberdade de Brasília", afirma Teresa.

Da janela do apartamento, mesmo sendo no primeiro andar do bloco, dava para ver o Lago Paranoá, pois a quadra 406 Sul ainda não estava construída por completo. Ao lado, o imenso campo aberto que sediará a maioria das brincadeiras e jogos infantis ainda não estava gramado. Atrás do prédio havia um acampamento de obras do Ipase. Cercado de tapumes, por vezes as crianças invadiam o canteiro para brincar escondido dos adultos.

#### Mudança de costumes

A única coisa que dificultava a vida de Teresa e qualquer outra mãe na cidade recém-inaugurada era a poeira. "Em poucos meses de uso, blusas e meias brancas já estavam encardidas", conta. Mas a distância entre Brasília

“O LAGO ESTAVA LINDO E BRILHANTE, O CÉU NÃO TINHA UMA NUVEM, E O PALÁCIO DA ALVORADA PARECIA ALGO DE OUTRO MUNDO CONSTRUÍDO ALI, NO MEIO DE TODA AQUELA BELEZA AGRESTE”

e qualquer outro lugar do país e a mistura de culturas daqui permitiam que hábitos e costumes fossem adequados às necessidades dos poucos habitantes que aqui estavam.

Durante uma reunião da escola, por exemplo, Teresa sugeriu que as meias dos uniformes fossem pretas em vez de branca e todos concordaram. "Os costumes que nos ajudavam eram mantidos e os que nos atrapalhavam eram abolidos", afirma.

Outro costume nordestino também foi modificado por sugestão de uma amiga de Teresa, esposa de um deputado. "No Nordeste era costume tradicional vestir as meninas no final das tardes com saias rodadas e anáguas engomadas", conta. "Decidimos então passar a vesti-las com calças compridas e shorts", afirma.

Enquanto viviam aqui, mais sete filhos nasceram. Por coincidência, a época do parto sempre coincidia com o mês de férias, fazendo com que apenas dois nascessem aqui.

Com poucas opções de lazer na cidade, todas as brincadeiras das crianças eram inventadas e

vividas na quadra onde moravam, embaixo dos blocos, nas árvores que começavam a crescer ou nos imensos gramados. Certa vez, conta Teresa, tentaram proibir os jogos de futebol no gramado ao lado de sua quadra colocando guardas lá, que as crianças apelidaram de "graminhas".

Mas o clima de liberdade e democracia que o projeto de Brasília sugeria era difícil de ser quebrado. "Um dos meus filhos questionou a atitude do guarda dizendo que o projeto de Lucio Costa era fazer com que as crianças brincassem nos gramados e os jogos continuaram", revela. Teresa era cunhada de Maria Elisa Costa, filha do arquiteto, daí a proximidade da família com os ideais de Lucio Costa.

Armando exerceu ainda mais um mandato como deputado federal quando vivia em Brasília. Depois disso, tornou-se ministro do Superior Tribunal de Justiça (STJ). Teresa vive até hoje no apartamento da 206 Sul e é apaixonada pelo Distrito Federal. Seus 14 filhos também permanecem na cidade (um filho faleceu ainda bebê).